



Costuras entre Agroecologia, Educação Popular e Agricultura Urbana: construção coletiva e Segurança Alimentar e Nutricional no bairro Restinga, Porto Alegre

Links between Agroecology, Popular Education and Urban Agriculture: collective construction and Food and Nutrition Security in Restinga neighborhood, Porto Alegre

MÜLLER, Helena de Lima¹; MAIA, Ricardo Eduardo de Freitas²; ALT, Júlio Picon³; FRIZZO, Rafael⁴; PEREIRA, Viviane Camejo⁵

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdades de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ¹helenalmuller@gmail.com; ²ricardomaiaufpa@gmail.com; ³julio.alt@gmail.com; ⁴rafaeldaitapeva@gmail.com; ⁵Pós-doutoranda e professora colaboradora, camejovp@gmail.com.

Eixo temático: 1. Agriculturas Urbana e Periurbana

Resumo

O presente relato objetiva discutir sobre o potencial conjunto de agricultura urbana, Educação Popular e Agroecologia na construção reflexiva de Segurança Alimentar e Nutricional no bairro Restinga, município de Porto Alegre/RS. A reflexão se dá a partir de experiência em prática de ensino no Curso Técnico Proeja de Agroecologia, realizada de julho a dezembro de 2018. Ao longo do semestre, foi possível observar os processos empreendidos de busca por autonomia produtiva, alimentar e cultural. Esse movimento perpassou pela valorização do consumo de alimentos frescos e questionamentos sobre a dificuldade de acesso a eles. Destacam-se atividades de ação e reflexão em Agroecologia, entendidas como passo importante para rompimento da cultura do silêncio, contribuindo para a potencial transformação da realidade local no caminho para a autonomia.

Palavras-Chave: proeja; ifrs; estágio docência; segregação socioespacial.

Keywords: proeja; ifrs; teaching internship; socio-spatial segregation.

Contexto

A Agroecologia e a agricultura urbana têm se mostrado como alternativa para melhores condições de alimentação e qualidade de vida para as populações expostas à insegurança alimentar e nutricional. O presente resumo pretende apresentar a experiência em estágio docência em um Curso Técnico Proeja de Agroecologia, em que as interfaces entre estas temáticas contribuem para a construção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) de estudantes no município de Porto Alegre/RS. A partir de uma parceria estabelecida entre o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Restinga, quatro estudantes de mestrado e doutorado, supervisionados por dois professores e duas professoras, ministraram as disciplinas “Introdução à Agroecologia em Territórios Rurais e Urbano” e “Vivências e Práticas Agroecológicas I”, que compõem o currículo profissional do primeiro semestre do curso técnico em Agroecologia integrado à modalidade de ensino de jovens e adultos (EJA). A experiência ocorreu de julho a dezembro de 2018.



O curso de Agroecologia bem como o IFRS-Restinga são frutos de processos de resistência do bairro, em que a comunidade organizada reivindicou a construção de um Campus do IFRS, atendendo à demanda por cursos técnicos. Nesse sentido, a organização e a consolidação de um curso em Agroecologia é fruto da mobilização em torno do acesso à alimentação saudável e soberania alimentar.

Descrição da Experiência

O Bairro Restinga em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, é resultado de um processo de segregação e exclusão socioespacial que ocorreu ao final da década de 1960 em Porto Alegre. Em 1967, em uma ação do Estado sob o lema “Remover para Promover”, foram retirados moradores de região próxima ao centro da cidade (a Ilhota) e levados para um local ainda inabitado (PRESTES, 2018). O racismo estrutural da cidade era executado como política pública, explicitando relações de poder e dominação sobre sujeitos excluídos. A partir de estudo de levantamento da História Oral, Prestes (2018) traz o relato de um atual morador da Restinga sobre os dias da remoção das casas de madeira, desmontadas, transportadas, descarregadas, junto com seus habitantes. As cicatrizes de uma ação como essa permanecem de alguma forma na relação do bairro com a cidade e na personalidade da comunidade, por mais que os mais jovens a ignorem. A história do bairro conversa com a realidade de pessoas que não tiveram a oportunidade de cursar o Ensino Médio antes de sua maioridade (o público de um curso Proeja tem obrigatoriamente idade superior a 18 anos). Uma turma de 30 inscritos, dos quais 23 eram mulheres, coloca, então, o desafio da troca de saberes entre estudantes de pós-graduação, formados em uma perspectiva técnico-científica, e estudantes de um curso Proeja, que retornam à sala de aula repletos de experiências e aprendizagens no âmbito do saber popular.

A abordagem utilizada não poderia ser outra que não a Educação Popular. A prática dialógica, o respeito a uma história e a uma situação social, a construção de uma relação de confiança e de carinho se colocavam como essenciais para o trabalho ao longo do semestre. Paulo Freire em seu livro “Conscientização: Teoria e Prática da Libertação” traz conceitos adequados à reflexão sobre a referida experiência (FREIRE, 1979). A prática de ensino, como qualquer relação estabelecida entre seres humanos, pode ser exercida sob moldes opressores, geradores de silêncio, em que não há espaço para reconhecimento de cultura e de saberes. Uma nova relação pedagógica é proposta no sentido de promover e instigar a consciência e o pensamento crítico, de suscitar o reconhecimento do valor como pessoa, da dignidade do trabalho, da importância dos saberes e das vozes (FREIRE, 1979). Dessa forma, construindo coletivamente a partir de diferentes saberes, trabalhou-se a Agroecologia ao longo do semestre, do campo ao prato e da teoria à prática.

Resultados

Ao longo do semestre, foi possível observar os processos empreendidos de busca por autonomia produtiva, alimentar e cultural, cada vez mais protagonizados pela



comunidade. Parte da turma já possuía contato com a prática agrícola, seja através de parentes, por lembranças de infância ou por cultivo de horta em suas casas. A dificuldade do acesso a alimentos frescos foi levantada em aula, a partir de discussões acerca de SAN, agrotóxicos, sistema agroalimentar e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Quando foi pedido à turma que levassem algum alimento que costumavam consumir, apenas um levou uma fruta in natura (uma banana). Os demais levaram produtos industrializados ricos em gorduras, açúcares e sódio. A situação foi problematizada com a turma, e alternativas para tanto foram levantadas, como a ressignificação da alimentação, o cultivo em pequenos espaços domésticos, se possível, e a apropriação dos espaços do campus, disponíveis ao cultivo coletivo das turmas.

Com o passar dos meses, os/as estudantes apropriaram-se do debate sobre Agroecologia, valorizando o consumo de alimentos frescos e questionando a dificuldade de acesso a eles, o que pode-se considerar como prática emancipatória no sistema em que estamos imersos. O início do funcionamento de uma feira de orgânicos semanal dentro do IFRS-Restinga, a realização de momentos de trocas de mudas, bem como práticas de compostagem também favoreceram esse processo. Como destaca Castro (2015), “a valorização da culinária do dia a dia vem assumindo centralidade nas ações de educação alimentar e nutricional como prática emancipatória e de autocuidado” (CASTRO, 2015, p.9).

A experiência foi rica também no sentido de compreender a realidade das alunas mulheres. Muitas delas cumpriam o papel de provedora da família e, em alguns momentos, levavam os filhos para a escola, o que demonstra sua importância em termos de cuidado. O semestre finalizou com 16 mulheres de um total de 23 alunas matriculadas, que representavam 76% da turma. Ao longo do semestre, foi possível observar o empoderamento das alunas na participação e condução de atividades práticas e teóricas, colocando-se como protagonistas em manejos e debates. Emma Siliprandi, a partir de extenso trabalho com mulheres, discute seus espaços, entre o agroecossistema e a comunidade (SILIPRANDI, 2015). A subordinação e as relações de poder não são observadas apenas no sistema econômico e político global e nem da mesma forma para qualquer cidadão. Classe social, nacionalidade, sexo ou gênero são fatores que interferem na forma como essas relações são percebidas e vividas. Siliprandi também destaca que experiências em Agroecologia têm contribuído para a desestabilização da lógica patriarcal das relações, criando espaço para se pensar em alternativas para além dos padrões tradicionais (SILIPRANDI, 2015). Este é um aspecto fundamental quando se busca a mudança do padrão hegemônico de desigualdade econômica e injustiça social, quando se busca a construção de uma nova lógica, de um novo sujeito, para além dos padrões homogeneizantes, com respeito às pessoas e aos contextos socioambientais. Seja em se tratando de alimentação e SAN, de educação e métodos pedagógicos, de agricultura e sistema agroalimentar. De qualquer forma, a alimentação é um tema caro às mulheres, socialmente designadas às funções de cuidado e de preparo alimentar. A agroecologia valoriza a alimentação saudável e a produção agrícola em nível doméstico (SILIPRANDI, 2015), o que é aplicável e essencial à autonomia tanto na agricultura rural, quanto na urbana ou periurbana, situação da Restinga.



Em discussão a respeito de desafios e perspectivas para a promoção de uma alimentação adequada e saudável no Brasil, Inês Ribeiro de Castro (2015) traz a necessária integração entre promoção da saúde, sustentabilidade ambiental, realização de direitos e justiça social. A articulação, portanto, entre atores e setores de diferentes áreas deve protagonizar mudanças estruturais no padrão de consumo e no modelo de desenvolvimento hoje vigentes no país. Concordando com Maluf (2007), mudanças no padrão agroalimentar estabelecido são necessárias, e estas só serão possíveis a partir da multidisciplinaridade e da integração entre diferentes campos dos saberes e diferentes esferas de abrangência (CASTRO, 2015). Apesar dos inúmeros obstáculos encontrados, a Agroecologia traz um enfoque decisivo na construção dessas mudanças. O curso aberto no IFRS-Restinga foi demandado pela comunidade, o que já aponta para mudanças nesse sentido. Petersen e Arbenz (2018) trazem a Agroecologia como necessária, diante de um mundo em crise estrutural, de forma a contemplar a complexidade dos sistemas agropecuários e contextos socioambientais. Trajetórias de inovações agroecológicas surgem como respostas a um mundo com realidades sociopolíticas e econômicas asfixiantes, às realidades de pobreza e de insegurança alimentar. Ainda segundo os autores, estas trajetórias - uma delas, por exemplo, a de produção de alimentos em terrenos baldios na cidade de Rosário - reconhecem, valorizam, recombina e aperfeiçoam recursos locais materiais ou sociais, e geram resultados positivos em aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais e políticos (PETERSEN; ARBENZ, 2018).

A Agroecologia propicia a incorporação de diferentes formas de conhecimento, valorizando o saber popular e especificidades culturais locais (SEVILLA GUZMÁN, 2001). Da mesma forma que a Educação Popular, busca romper com a hierarquização dos saberes, valorizando diversos atores sociais para além do cientista. Assim, seja como ciência, como movimento social ou como prática agrícola, surge como crítica ao modelo hegemônico agroalimentar (ALTIERI, 2012), e, portanto, apresenta-se como ferramenta importante na desconstrução da dependência, do silêncio e da invasão cultural a que os moradores da Restinga têm sido submetidos. Atividades como a construção coletiva de uma linha do tempo do bairro, unindo leituras de Darcy Ribeiro sobre o povo brasileiro, por parte dos docentes, às vivências e visões dos moradores, propiciam ambientes de troca e de crescimento coletivo, inviáveis em moldes não participativos, não dialógicos, ou em cursos puramente voltados à técnica agrícola, em que não há discussão crítica social. A Agroecologia se apresenta como um caminho para a reflexão e para o rompimento da cultura do silêncio, contribuindo para a potencial transformação da realidade local, no caminho para a autonomia em uma práxis da libertação. Em processo de ensino-aprendizagem coletivamente construído, mudanças podem ser iniciadas para todos os envolvidos, desde que respeito e humildade, essenciais para tanto, sejam a porta de entrada em tal construção.

Reflexões mais profundas relacionando todos os temas trazidos são necessárias. A questão alimentar, manifestada em distintas escalas, dentro e fora de casa, do campo ao prato, do indivíduo ao âmbito global, deve ser pensada sob abordagem sistêmica e multidisciplinar (MALUF, 2007). Uma amostra disso nos foi proporcionada pelo citado estágio docência, que gerou tantas vivências, reflexões e



resultados positivos ainda difíceis de compreender. O início de uma horta doméstica, a primeira sementeira ou colheita, o espaço para debates, a valorização de histórias de vida e de saberes ancestrais, a troca de ideias e reflexões sobre o nível de processamento e sobre a saudabilidade dos alimentos são pequenas modificações na vida de algumas pessoas, mas que poderão reverberar e contribuir, pouco a pouco, para profundas mudanças emancipatórias.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos docentes responsáveis pela disciplina DER360/DER361, Bracagioli, Andréia e Jovani, nos possibilitaram essa vivência para além das paredes do PGDR, e à querida turma, que, apesar das lutas do dia a dia, foi sempre dedicada, bem-humorada e receptiva: Alda Beatriz, Alessandra, Ângelo, Bruna, Carlos, Cibele, Franciele, Grazielle, Isis, Itauana, Jennifer, Jéssica, Lia, Lucas de Assis, Lucas Mesquita, Lucimara, Mari Lúcia, Miriam, Rosa, Valber, Victor e Victória.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. AS-PTA. Porto Alegre. 2012.

CASTRO, I. R. R. Desafios e perspectivas para a promoção da alimentação adequada e saudável no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 31(1):7-9, jan, 2015.

FREIRE, P. **Conscientização**: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. / Paulo Freire - São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

MALUF, R. **Segurança alimentar e nutricional**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

PETERSEN, P; ARBENZ, M. Aumento de escala da Agroecologia: uma questão política. [Editorial]. **Revista Agriculturas**: experiências em agroecologia, v.14, n.1, p.6-9. Março/2018. ISSN: 1807-491X

PRESTES, N. Vilas de malocas e bairro Restinga: a versão dos removidos sobre o plano de confinamento em vila de transição - Eugenia na Porto Alegre de 1967-1970. In: 14 Encontro Estadual de História - Associação Nacional de História, Seção Rio Grande do Sul, ANPUH-RS (14.: 2018; Porto Alegre, RS), 2018, Porto Alegre. Democracia, liberdade e utopias. **Anais ...** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018. v. 1. p. 01-16. Disponível em: <http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1531175958_ARQUIVO_RestingaANPHU2018.pdf>.

SEVILLA GUZMÁN, E. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 35-45, jan./mar. 2001.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 352 p.